

PRÁTICAS DOCENTES POSSÍVEIS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES

Maria Leani Dantas Freitas (1); Najla Almeida Marques Pereira (1); Andréa Sales Braga Moura(2); Maria de Fátima Cavalcante Gomes (3); Maria Marina Dias Cavalcante (4).

Universidade Estadual do Ceará - UECE, leanedantasfreitas@gmail.com; Universidade Estadual do Ceará - UECE, najlaalmeida.1@gmail.com; Universidade Estadual do Ceará - UECE, Andreahdc@hotmail.com; Universidade Estadual do Ceará - UECE, fatimadcg@hotmail.com; Universidade Estadual do Ceará - UECE, maria.marina@uece.br

Resumo do artigo: A formação de leitores apresenta-se como um dos grandes desafios para escola e gera inquietação ao depararmos com um número significativo de crianças do segundo ano do Ensino Fundamental, das escolas municipais de Fortaleza que não sabem ler, e muitas vezes quando o fazem, não há compreensão, apenas decodificação. Portanto torna-se importante ressaltar que defendemos a leitura como uma prática que deve acontecer conforme o contexto em que o indivíduo está inserido, por isso vai além da decodificação de palavras. Essa problemática nos traz certo desconforto por acreditarmos que a leitura é fundamental para conhecer e entender o que se passa no cotidiano e construir diferentes conhecimentos. Neste sentido o que pretendemos com esse estudo, é investigar as práticas docentes no processo de ensino e de aprendizagem da leitura nas salas do segundo ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas do município de Fortaleza, como possibilitadores do desenvolvimento de educandos leitores. Para empreender essa tarefa optamos por investigação de abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso como estratégia de pesquisa, devido sua relevância no processo educativo. A reflexão realizada acerca das práticas docentes nos possibilitou olhar o nosso objeto de estudo – a leitura – pela ótica da confirmação de nosso pressuposto inicial haja vista que a maioria das crianças do segundo ano não leem e quando o fazem é pela decodificação, sem conseguirem extrair o sentido dos textos trabalhados em sala, mesmo os mais simples como pequenas narrativas. Em uma consideração breve, as práticas dos professores apontam para um contexto educativo complexo no qual precisamos empreender práticas docentes que ressignifiquem o ato de ler.

Palavras-chaves: Práticas docentes, formação de leitores, contexto.

1. INTRODUÇÃO

O aprendizado da leitura apresenta-se como um dos desafios da escola e, talvez, como o mais urgente, já que estamos vivendo em uma sociedade letrada que se caracteriza pela velocidade da informação e do conhecimento. Essa situação é de plena inquietação quando nos deparamos com um número significativo de crianças do segundo ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas municipais de Fortaleza que não sabem ler. E quando o fazem não há compreensão, apenas decodificação, sem conseguir extrair o sentido de um pequeno texto, frase ou palavra. Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo primordial investigar se as práticas docentes nos processos de ensino e de aprendizagem da leitura estão oportunizando a competência leitora dos educandos.

A leitura acontece em todos os contextos em que o indivíduo está inserido e vai além da decodificação de palavras. A esse respeito, Paulo Freire (1988) nos diz, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Antes de ler a palavra, a criança lê o mundo através de gestos, olhares, expressões faciais, do cheiro, do tato, do olfato. Como qualquer leitura é uma produção de sentidos, a criança procura criar sentido para o mundo que a cerca. Neste contexto, se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o interesse da criança pela leitura só será despertado se os textos apresentados tiverem relação com a realidade vivida por ela. Por isso, é importante favorecer a junção da leitura da palavra com a leitura do mundo.

Dessa forma, acreditamos que o leitor vai se formando no decorrer de sua existência, em suas experiências de interação com o universo natural, cultural e social em que vive. Assim sendo, será que as práticas de ensinar e de aprender a ler favorecem aos educandos a formação de leitores? A escola, em parceria com os professores, precisa realizar um trabalho diversificado e criativo com a leitura, partindo dos conhecimentos que os estudantes têm sobre os diferentes textos que são veiculados na sociedade. A prática docente é de grande relevância na história de leitura que cada estudante constrói no espaço-tempo escolar e o professor precisa possibilitar ao educando sua constituição enquanto leitor, já que o ato de ler é imprescindível para a aquisição da capacidade de compreender e intervir.

Ensinar a ler e ter o hábito da leitura não é tarefa fácil, mas é possível quando

acreditamos que ler é o meio básico para o desenvolvimento do processo de aprendizagem e da capacidade de aprender os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento, que são perpassadas pela leitura.

Comungamos com as ideias de Solé (1998), de que a leitura é um processo no qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão estão envolvidos, tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Quando lemos um texto, recorremos a tudo o que já sabemos sobre a temática em pauta. As informações contidas no texto se articulam com as informações de que o leitor já dispõe. Por isso, o olhar de cada leitor é diferente em função de seu repertório, do que ele já sabe sobre o assunto. Cabe ao docente mediar as atividades de leitura propiciando interações que desenvolvam potencialidades, despertem a crítica, a criatividade e o gosto pela leitura. O professor percebendo-se como mediador não apenas na construção de conteúdos cognitivos, mas também nos estéticos, éticos, afetivos, pode ressignificar a sua prática docente objetivando melhorar o processo de ensino e de aprendizagem da leitura.

Quando os professores refletem na e sobre as suas práticas pedagógicas, eles precisam pensar de forma articulada nos diferentes elementos que as constituem, ou seja, os objetivos, as atividades e o material didático, as diferentes intervenções, a relação professor – conhecimento - aluno e as formas de avaliar o ensino e a aprendizagem. Para que a reflexão aconteça, é fundamental um movimento constante da prática para a teoria e novamente à prática, saber como transformá-la, adequá-la e inová-la, favorecendo uma melhoria na qualidade do ensino.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa será conduzida por meio da abordagem qualitativa. Fazê-la é refletir e interpretar as informações e explorar o que elas podem propiciar no que se refere ao entendimento do contexto pesquisado. Nesta abordagem, utilizaremos o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa relevante no processo educativo. Teremos como sujeitos dois professores do segundo ano dos anos iniciais do Ensino

Fundamental de escolas municipais de Fortaleza. Estas escolas são do Distrito de Educação 3. Adotamos dois critérios para a escolha dessas instituições de ensino:

- Escola 1 – Trabalho satisfatório com a leitura;
- Escola 2 – Trabalho insatisfatório com a leitura;

Para realizar esse estudo, utilizaremos como instrumentos de pesquisa a observação por nos possibilitar uma análise com riqueza de detalhes do objeto de estudo e observar o comportamento dos participantes no lócus da pesquisa. Comungamos com Martins (2008, p. 24) quando afirma que “o observador deve ter competência para observar e obter dados e informações com imparcialidade, sem contaminá-los com suas próprias opiniões [...]”. Também, trabalharemos com a entrevista semiestruturada por ser uma ferramenta de coleta de dados que, geralmente, acompanha a observação. Semiestruturada porque são apresentados tópicos, em vez de questões fechadas e permitem respostas subjetivas. A entrevista pode oferecer dados para comparar evidências coletadas com outras fontes a fim de ampliar a confiabilidade do estudo (MARTINS, 2008).

A partir do momento em que o pesquisador define seu objeto de estudo, ele deixa evidenciado que a pesquisa possui uma pretensão analítica e reflexiva que, na verdade, se configura no interior de uma discussão teórica a partir de um estudo sobre o tema escolhido, aqui, no caso, as questões relacionadas ao ensino e aprendizagem da leitura, prática docente e educando. Assim, realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa como esta, implica em escolher um objeto de estudo, cujo foco de investigação deve estar centrado na compreensão de significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações.

3. A TEORIA QUE ILUMINA NOSSA ANÁLISE

3.1. Práticas docentes – contribuições para formação de leitores

Em tempos atuais exige-se cada vez mais a busca incessante de conhecer e compreender o mundo e as transformações que ocorrem nele e, conseqüentemente, na escola e em nós. Sabemos que as escolas do nosso município têm um número elevado de alunos e

salas de aulas caracterizadas pela heterogeneidade, o que requer uma prática docente que atenda à diversidade.

Neste sentido, defendemos as práticas docentes em que o educador escolha conteúdos, metodologias e recursos didáticos, adequando-os a realidade de seus educandos. Uma prática que atenda as potencialidades e fragilidades peculiares a cada estudante, que se constitua de atividades diversificadas e criativas e com intervenções sistemáticas nas diferentes áreas do conhecimento (BARGUIL, 2016).

A docência é uma atividade complexa porque a realidade na qual o professor atua é dinâmica, muitas vezes, conflituosa, imprevisível e apresenta problemas singulares e, portanto, soluções particulares. Exige mobilizações de saberes para o cumprimento do objetivo de educar que é: o desenvolvimento das diferentes capacidades – afetivas, éticas, cognitivas, motora e de relação interpessoal – dos educandos, que se efetiva pela construção de diferentes saberes.

Concordamos com Tardif quando afirma que:

“Diante de um contexto educativo e social mutável e complexo, o docente deve tornar-se um prático reflexivo, capaz de adaptar-se a todas as situações de ensino pela análise das suas próprias práticas e de seus resultados. Deve refletir sobre a questão do sentido das ações que efetua, interrogar-se sobre as suas próprias concepções, sobre o que faz e por que o faz. Por essa capacidade de ‘autoanalisar-se’, ele pode então identificar os seus sucessos e insucessos e assim ajustar as suas ações. Assim, o docente não pode mais se contentar em reproduzir rotinas pedagógicas, receitas e regras preestabelecidas e exteriores. Pelo contrário, deve ser capaz de utilizá-las e/ou criar novas, de maneira autorreflexiva” (2014, p. 72)

Quando ligada à inovação, a docência rompe com a forma conservadora de ensinar, aprender, pesquisar e avaliar. Ressignifica saberes, procurando superar as dicotomias entre conhecimento científico e conhecimento experiencial do professor. Exploram novas

alternativas teórico-metodológicas em busca de outras possibilidades de escolha e realiza ressignificações a partir da reflexão do fazer pedagógico (VEIGA, 2006).

A leitura tem como função primordial o contexto social. Ela gera reflexões, interações e crescimento intelectual dos indivíduos. Daí a importância do ato de ler no cotidiano escolar. O professor deve ver a leitura como um aspecto essencial na sala de aula, pois é, por meio dela, que os educandos constroem e vão construir diferentes conhecimentos.

Partimos do pressuposto de que ler não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e entender o que se lê. Nas atividades de leitura, o leitor precisa extrair o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera atividade de decifração de signos lingüísticos sem a compreensão semânticas dos mesmos. Sendo assim, a leitura se constitui por vários aspectos, como os processos cognitivos que se dão de forma individual (estratégias mentais próprias do ato de compreender, a percepção e a reflexão) e os aspectos socioculturais (interação, experiências e comunicação).

Segundo Kleiman, “é importante enfatizar aquilo que há de individual na leitura, os aspectos que são únicos e que, em grande medida, são determinados pelos objetivos e propósitos específicos do leitor” (2004, p. 29). Neste sentido, o professor torna-se um mediador que ajudará o leitor a falar sobre o que deseja saber com o texto que se está trabalhando e a utilizar estratégias de leitura com o objetivo de compreendê-lo.

Quando as crianças escolhem o que quer ler há uma grande motivação com a leitura pela descoberta do conteúdo textual, a partilha com os seus amigos e a liberdade para selecionar os livros lidos. Essas crianças não se referem à leitura com insatisfação, pois sentem-se implicadas no ato de ler. Além disso, a atividade parece possibilitar, naturalmente, uma compreensão do texto quando os educandos dialogam com seus pares sobre o que lhes chamaram a atenção durante a leitura. Nesses momentos, o professor observa como as crianças se comunicam, seus gestos, suas demonstrações de sentimentos e suas ideias que o texto lhes oportuniza.

A aprendizagem da leitura requer intervenções que vão de encontro às necessidades de cada estudante e para que isso aconteça, é importante que o

professor tenha um olhar sensível para apoiar e propor desafios com o intuito do leitor incipiente ir dominando progressivamente aspectos da tarefa de leitura que, em princípio, são inacessíveis para ele (SOLÉ, 1998).

Hoje existem diversos meios de comunicação que atraem crianças e adultos, como a televisão, o computador, o celular, são denominados “comunicação audiovisual”. Eles se tornam atrativos porque a imagem e a palavra gravada circulam em todos os segmentos da sociedade, casa, shopping, escola. Em controvérsia, a leitura se reduz a uma necessidade do ensino escolar, sem maior significação posterior. Essa situação da leitura frente aos meios de comunicação de massa, citados acima, se traduz numa crise da leitura, o que fazer? “É necessário e possível tomar uma série de medidas para superar a crise e permitir que nossos estudantes não se vejam privados de um meio fundamental para o seu desenvolvimento” (Condemarín, 2005, p. 12).

Concordamos com Condemarín ao se referir que, ao ler, o indivíduo tem liberdade para escolher o tipo de leitura, inferir sobre o texto, fazer previsões a partir de seus conhecimentos sobre o assunto, como também posicionar-se criticamente diante do que ler. Todas essas ações do leitor são estratégias de leitura que favorecem o aprimoramento da compreensão leitora. Por isso, é de suma importância que o docente tenha conhecimento de como intervir das atividades de leitura.

3.2 Gêneros textuais: possibilidades e ressignificações

A seleção e análise de gêneros textuais também podem contribuir de forma satisfatória para o trabalho de leitura com os educandos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas diferentes áreas do conhecimento. Geralmente, são trabalhados os gêneros, como clássicos infantis, história em quadrinhos, receita culinária, letra de música, poesia, listas de compras, dentre outros. É importante salientar que a diversidade de gêneros textuais vai de encontro às orientações propostas nas diretrizes curriculares vigentes, como os PCN (BRASIL, 1998, P. 23) para o ensino de língua materna, no Ensino Fundamental I, ao ser afirmado que:

“[...] a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas”.

Os gêneros textuais variam desde uma simples lista de compras até um artigo científico, por serem frutos de uma sociedade, são carregados de elementos que caracterizam o contexto em que são empregados. Segundo Marcuschi (2002) “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Um dos motivos da importância do trabalho com os diversos gêneros de textos com as nossas crianças que, por natureza, são curiosas e questionadoras sobre os fenômenos que ocorrem no mundo. E para terem respostas, é preciso recorrer à diferentes leituras.

O acesso aos gêneros textuais que veiculam na sociedade é essencial para o trabalho com a leitura na sala de aula. Com o decorrer do tempo, os estudantes vão aprendendo a estrutura, função e saber escolher cada um deles em um dado contexto. Esse conhecimento é que nos favorece a escolha adequada de uma produção textual em uma dada situação comunicativa.

A formação de leitores tem como finalidade aproximar os estudantes dos livros, oferecendo-lhes recursos para que possam interpretar e compreender os textos lidos; ampliar a capacidade expressiva através das diferentes formas de linguagem (literária, artística, musical, dentre outras) em que possam manifestar sentimentos e opiniões e desenvolver a capacidade crítica, estimulando-os a reflexão sobre o que leem, confrontando diferentes pontos de vista.

A prática da leitura na sala de aula precisa possibilitar aos estudantes espaço – tempo para discussões e reflexões, para que possam adquirir gosto pelas atividades de leitura. É urgente construirmos agentes de transformação, lutando com nossos educandos na sua caminhada de tornarem-se leitores proficientes e autores de nossa história presente, assim, contribuiremos para que a leitura tenha a sua real importância, conseqüentemente, teremos mais leitores.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta etapa do trabalho será feito a análise dos dados correspondentes às observações realizadas em sala de aula e às respostas das professoras entrevistadas. As observações nos possibilitaram a refletir acerca da dinâmica das aulas de leitura como, a relação dos alunos com textos, com os conhecimentos que têm de leitura e as práticas de ensino do aprendizado da leitura das professoras. Nas primeiras observações, percebemos que a professora da escola dois (trabalho insatisfatório com a leitura), lia os enunciados das tarefas, por exemplo, e, em seguida, dizia para as crianças o que era para fazer, sem deixá-las dizerem o que haviam entendido sobre o enunciado lido ou dar-lhes um tempo para lerem e discutir com ela o que entenderam.

A professora da escola um (trabalho satisfatório com a leitura), quando realizava a leitura dos enunciados, solicitava às crianças que falassem o que tinham entendido, algumas crianças teciam comentários sobre o que era para fazer e outras pediam para a professora ler novamente. Nos momentos de leitura livre, essa professora, aproximava-se dos educandos e fazia perguntas norteadoras do texto. A priori, alguns educandos diziam que não sabiam ler (decodificação), então, a professora mostrava-lhes as ilustrações e conversava sobre elas, obedecendo a sequência da história e, em um segundo momento, trabalhava com palavras-chave do conto para trabalhar a estratégia de decodificação, assim, as crianças foram envolvendo-se na leitura e aprendendo diferentes estratégias para ler, umas mais simples, como a leitura de imagens e palavras e outras mais complexas como a leitura com compreensão de trechos da história.

Nas entrevistas realizadas, a professora da escola dois nos relatou que não sabia mais o que fazer para que alguns alunos aprendessem a ler e que ela trabalhava mais as atividades de escrita, quando perguntarmos sobre suas leituras acerca do aprendizado da leitura, ela disse que não lia muito sobre o assunto e não havia estudado sobre leitura na época da faculdade e nem nas formações que participam ofertadas pela prefeitura. Nesta fala, nos questionamos sobre o conhecimento dessa professora sobre as estratégias de leitura, as intervenções e

mediações adequadas para as crianças que não leem convencionalmente. A professora da escola um, nos disse que sempre realiza estudos sobre a leitura, como trabalhar com as crianças, pois na graduação não se lembram de ter estudado sobre o assunto. Também nos relatou da consciência que tem de que é preciso estimular as crianças a falarem sobre as histórias lidas, tanto por elas como por outra pessoa e o trabalho diário com a leitura dos diferentes gêneros textuais é imprescindível para esse aprendizado. Percebemos, neste relato, que esta professora apresenta um conhecimento sobre a leitura e coloca em prática com seus alunos, tendo uma preocupação com aqueles que precisam de suas mediações e intervenções de forma mais sistemática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa, propusemo-nos a investigar como acontece o ensino e a aprendizagem da leitura pelos estudantes do segundo ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas municipais de Fortaleza. Ao longo de seu desenvolvimento, por meio das observações em sala de aula desse ano e entrevistas feitas com duas professoras, conhecemos formas de trabalho diferentes com a leitura.

Vimos que essas formas diferenciadas de trabalho com a leitura das professoras envolvidas na pesquisa demonstram os conhecimentos que elas têm acerca da leitura, conseqüentemente, suas formas de trabalhar esse eixo da linguagem, tão importante para ter acesso aos demais conhecimentos, pois a leitura perpassa todas as áreas do conhecimento e é fundamental para a compreensão do mundo e das palavras.

Com base nas observações e relatos das professoras durante as entrevistas, é possível perceber que a formação de professores, tanto inicial, como continuada e a autoformação apresentam fragilidades teórico-metodológicas. A professora da escola dois trabalha de uma única maneira, com o livro didático e, geralmente, lendo para os alunos sem envolvê-los na leitura e, nas leituras realizadas por eles, não faz intervenções e nem mediações que favoreçam o aprimoramento desse aprendizado.

A professora da escola em, apresentou um interesse de buscar aperfeiçoamento de sua prática com leituras e pesquisas sobre o trabalho com a leitura, já que, segundo ela, não foi um estudo complexo durante a graduação e, algumas vezes, as formações que participa deixam lacunas. Diante desta situação, ela busca diferentes formas de aperfeiçoar a sua prática e, conseqüentemente, a aprendizagem de seus alunos.

Concluimos esta pesquisa com indagações para pesquisas futuras como, alguns professores têm consciência de que precisam refletir sobre a sua prática com o intuito de melhorá-la, especialmente, o ensinar e o aprender da leitura, eixo da linguagem fundamental para o aprendizado das demais áreas do conhecimento, visto que o ato de ler perpassa por todas elas? Como as instituições formadoras estão desenvolvendo o trabalho com a leitura para seus futuros professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e para os professores que atuam nesse segmento de ensino? É urgente discutirmos essas questões e melhorar essas formações para nossos professores que estão em serviço e para os que estão em formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Elisa D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas - São Paulo: Papyrus, 2012.
- BARGUIL, Paulo Meireles (Org.). **Aprendiz, docência e escola: novas perspectivas**. Fortaleza, 2015. Disponível em <[HTTP://WWW.ledum.ufc.br/Aprendiz_Docência_Escola_Novas_Perspectivas.pdf](http://www.ledum.ufc.br/Aprendiz_Docência_Escola_Novas_Perspectivas.pdf)>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre, RS, Artmed, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1988.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 8ª edição, 2002.
- MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2ª edição, São Paulo: Atlas, 2008.



TARDIF, Maurice. **Saberes docentes: formação profissional**. 16ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VEIGA, Ilma P. A. AMARAL, A. L. (orgs.). **Formação de professores: políticas e debates**. 3ª edição, Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.

